

## **Modo de Produção na Sociedade Asteca**

**MINTAHA Q. CAMPOS**  
Departamento de História da Ufes

A discussão em que por ora nos adentramos exige, antes de qualquer coisa, uma panorâmica do que seria a sociedade asteca pré-colombiana, ou pré-hispânica, na expressão genuinamente espanhola.

A sociedade asteca estava dividida profundamente em classes sociais, conclusão resultante de estudos em escavações, indo contra a teoria de Morgan que sustentou a não-existência de Estados, Monarquias e Impérios. Isso já nos leva a concluir que a sociedade asteca já havia elaborado um sistema classista bem desenvolvido, deixando claras evidências de uma certa escravidão, nobreza "feudal" e ainda uma servidão aos nobres e escolhidos. Por aqui, já se pode inferir que havia disparidade na distribuição de bens, já que a divisão de classes existia, mesmo em se levando em conta que as terras ainda pertenciam ao tlatoani.

O elemento economia se faz necessário numa abordagem que requer considerações quase minuciosas, embora as omitamos aqui, a título de não provocar desvios nos objetivos a que se propõe o trabalho, as quais foram tratadas por grandes historiadores e antropólogos, tais como Wittfogel, Polanyi, Suret-Carnale, Goblot e outros de grande importância.

A complexidade da sociedade asteca é grande e embora haja muitos pontos concordantes, os discordantes não nos levam a um ponto comum, objetivo, em matéria de conclusões exatas sobre a citada sociedade. Mesmo assim, um elemento é comum a todos: a existência de entidades políticas, independentes umas das outras e diferentes em suas administrações.

Cada qual desenvolveu seu sistema de tributos em espécie ou em trabalho, sendo este o mais usado pelos soberanos e de maior acesso e necessidade a cada grupo constituído politicamente em cidade ou Estado, ou em cidade-Estado.

O ponto comum é a economia a título de começo de estudo, a qual se dava nas distintas confederações que formavam as cidades-Estado, unidas entre si em diversos graus de integração política e econômica. O instrumento principal dessa economia era o tributo pago pelo povo. Cada grupo tinha seu tributo específico, produzia de acordo com uma necessidade coletiva, embora isso não fosse uma norma absoluta e inflexível.

### O MODO DE PRODUÇÃO ASIÁTICA

O estudo desse modo de produção ficou no domínio de Marx e dos marxistas por várias décadas, até que o assunto ressurgiu de críticas de Wittfogel, que a esse sistema ofereceu a opção de chamá-lo sistema hidráulico de produção. Lançam-se, então, as características do sistema de produção que somos obrigados a transcrever, na opinião de Wittfogel. São características com alto grau de proximidade do modo asiático de produção, embora algumas características possam ser contestadas, ainda que válidas para outras situações:

1. nível técnico relativamente avançado; uso de ferro e bronze e boa produção agrícola.
2. comunidade de aldeia sem propriedades privadas.
3. estado despótico acima dos aldeões, em termos de gerência, religião e defesa.
4. uma escravidão generalizada dos aldeões, de quem são exigidos tributos em espécie e trabalho.
5. a escravidão não é para a produção, mas é doméstica, como um símbolo social.
6. a inexistência de atividades autônomas, favorecendo o mercantilismo com o material excedente.
7. apesar da estabilidade da produção, é inevitável a estagnação e praticamente não há mudança.

As sociedades não podem ser consideradas como esquemas rígidos, absolutos. Houve algumas com tais características e algumas com mudanças. Nessas sociedades se destacam as considerações ligadas ao hidráulico, e a outros como construções "sólidas". Esse estado exige que se saiba do estado econômico atual dos homens de que dispõem, por isso se recorre sempre ao recenseamento, a fim de serem feitas as necessárias comunicações.

### SOCIEDADE ASTECA E MODO DE PRODUÇÃO ASIÁTICA

A esta altura de nossas descrições, é necessário comentar os dois lados da questão de forma conjunta: a sociedade asteca e o modo de produção asiático. De antemão, estamos afirmando que é um modo de produção asiático, mas ao mesmo tempo rejeitamos a ortodoxia do termo, ou a sua característica clássica, porque cada região, cada povo é favorecido ou não, dentro das características que citamos acima. Mesmo em seu

panorama político, sempre há diferenças; no plano geofísico, a situação atinge mudanças bem maiores, porque as facilidades ou dificuldades variam de região para região. Seria imprudente dogmatizar um sistema que foi bom para a China ser aplicado sem quaisquer alterações no México, ou na América do Sul, se fosse o caso.

Procuramos, nesta gama de características semelhantes e ao mesmo tempo, diversas, um elemento comum a todas as situações onde aconteceram os empregos deste modo de produção. Tal elemento é o tributo. Em todas as situações, o tributo existiu e foi ao redor dele que se constituíram as divisões de classe, o avanço político e social, a economia do Estado, enfim.

Na "apostila" de Roger Bartra, pode-se encontrar um conceito que será a mola de impulso de nossa discussão: "O modo de Produção Tributário aparece naquelas sociedades onde um desequilíbrio interno no crescimento das forças produtivas ocasiona um desenvolvimento no aparato estatal como unidade aglutinante (política e econômica) de um vasto conjunto de comunidades aldeãs, as quais — vistas isoladamente — estão dirigidas por relações de produções primitivas". (160). Aqui, há uma utilização muito grande do trabalho humano causando uma estagnação de qualquer avanço dos meios de produção, tais como em máquinas ou instrumentos a serem utilizados na produção. Aplicando-se a divisão acima ao sistema de produção, a construção de diques, irrigação, canais ficam dependentes de uma maciça exploração das comunidades, sob ordem exclusiva do Estado que tudo controla, na organização e distribuição do trabalho. Aqui está o momento em que é utilizado o tributo: o trabalho dado a esses empreendimentos é o que coloca esse modo de produção em pé; é o tributo pago pelos camponeses, em lugar de impostos ou taxas.

No caso da sociedade asteca, assim eram pagos os tributos. Poderíamos nos prolongar em explicações, divisões de classes que pagavam isso ou aquilo. Devemos explicitar que esse trabalho era desenvolvido dentro das propriedades reais distribuídas e politicamente escolhido. O Tlatoani tinha tudo em suas mãos, pois encarnava em si toda a autoridade, divindade e governo. A distribuição era política e com ela, o escolhido produzia para si e para o tlatoani com finalidades específicas, onde temos que tal e qual comunidade produzia para os guerreiros; outros para a população real, outros para a estocagem em caso de crise, etc. . . . Daí era visível que a aglutinação era necessária, e havia no sistema uma harmonia na produção e um equilíbrio econômico razoável. Há outros elementos que precisam ser considerados, porém, mais adiante, nós faremos comentários oportunos dentro da visão de diversos estudiosos, com suas ênfases em determinados departamentos e interpretações. Cada historiador fará o incremento necessário do que pensa ele a respeito, que deveria ter sido a sociedade asteca em toda sua complexidade, complexidade esta que impossibilita o uso de um modelo único para o estudo do modo de produção dos astecas.

Façamos uma explicação sobre o elemento comum: era — confirmado por todos — um modo de produção nos moldes asiáticos e isso já nos deixa mais à vontade para não levantarmos questões de pouca relevância. Ainda a forma de tributo é co-

mum a todos os historiadores; há os nobres e as subclasses encarregadas de produção; há a divisão de terras politicamente executada; há os privilégios em todas as formas do modo de produção asiático. Esses elementos e muitos mais são os que nos colocam frente ao modo de produção asiático na sociedade asteca. As variações, os enfoques podem ser diferentes. Vamos ver a discussão sobre as características propostas por Wittfogel que nos dão um ponto de partida, mas não um sistema clássico e definido desse modo de produção. Citamos Wittfogel porque é necessário o apoio em um ponto de partida, seja ele completo ou carente de maiores e melhores fundamentos.

Características maiores e comuns a todas as sociedades que usaram esse modo de produção foram o confronto com regiões desérticas ou semi-desérticas que exigiam transformações ou adequações da região para que houvesse produção. Por si mesmo, o trabalho de grandes construções de barreiras, canais, faziam necessárias comunidades inteiras para o trabalho. Daqui naturalmente vai se impondo a necessidade de se fazerem valer trabalhos braçais, humanos em grande escala, o que deveria levar automaticamente à necessidade de tributos, que era forma de trabalho. Para a época em que tais construções estivessem acontecendo, ou em que alguma crise que colocasse em desequilíbrio a manutenção da comunidade, era necessário o tributo na forma de espécie, produtos excedentes, mais valia (aqui Marx entrou com seus estudos), que eram estocados. Por outro lado, havia toda a corte, os guerreiros, as guardas reais, os artesãos que precisavam ser alimentados, gerando a necessidade da existência de comunidades basicamente produtoras. Seus produtos tinham finalidade específica para cada grupo ou situação.

Assim, pode-se fechar esse quadro primário do modo de produção asiático com seus tributos, com as características regionais, com a divisão das terras reais, os privilégios e uma forma de escravidão muito velada e sutil.

Questões são levantadas aqui: havia mesmo escravidão? Feudalismo? Formas veladas de capitalismo? Como se explica a exploração das classes? Essas outras questões serão ventiladas à luz dos vários historiadores.

### **AS PROPOSIÇÕES SOBRE O MODO DE PRODUÇÃO ASIÁTICO E SUAS COLOCAÇÕES À SOCIEDADE ASTECA.**

#### **KIMIO SHIOZAWA**

Suas idéias propõem que cada comunidade teria seu quintal onde seriam plantados e cultivados alimentos para sua própria subsistência; algumas terras seriam dadas temporariamente a algumas comunidades, mas cada terra mantinha seu caráter de propriedade real ou coletiva; este ato de distribuir a terra a uma comunidade — que por seu lado teria de ser numerosa — tinha por finalidade uma maior produção em grupo, para que o resultado fosse cobrir o que seria necessário para o tlatoani ou para outras classes que desenvolvessem atividades coletivas, que não a agricultura.

A idéia de chefia vem para completar o quadro, porque

era preciso que alguém coordenasse a produção e o trabalho, daí que um indivíduo pudesse, a partir de sua chefia, fazer crescer a riqueza de sua família. Um monopólio era o fator predominante nessa situação, pois tudo deveria ser dirigido a ele, chefe da família responsável pela produção da comunidade.

O sistema de taxas era o tributo dado coletivamente e não para cada indivíduo.

Colocando a proposição frente à complexidade da situação que os astecas ofereciam, a proposição é válida e encaixa em determinados estágios do desenvolvimento dos astecas. Se Shiozawa quis colocar toda ênfase na monopolização de algumas famílias, e um conseqüente enriquecimento de famílias, ele pode ter aqui sua falha quanto à completa aplicação em relação ao povo asteca. Mas é de se levar em conta que as idéias de Shiozawa são válidas em sua maior parte.

### SURET-CANALE:

A proposição feita por este historiador é de uma grande importância para as obras de irrigação. Para isso, a consideração dos fatores geoclimáticos é fundamental, porque a partir desses fatores é que se faziam empreendimentos no sentido de se desenvolver um sistema hidráulico de produção.

Suret-Canale faz parte de uma teoria muito abrangente que propõe justamente a consideração primordial das situações geo-climáticas. Sugere ele uma generalização de que as sociedades pré-capitalistas foram muito influenciadas pelas condições naturais, que em grande parte dirigiam e determinavam como seriam a economia e a política de determinada sociedade. O domínio sobre essas condições geo-climáticas é o que provocava o aparecimento de modos de produção hidráulico, pois aí se fazia sentir a necessidade (ou não) de se partir para a construção de obras completas de irrigação.

Essa teoria dá importância muito grande ao papel do Estado que tomaria para si todo esse trabalho conseqüentemente assumindo posições de super-valorização. Suret-Canale não aceita essa super-valorização do Estado, porque aqui ele sugere que houve muita mistura entre o poder estatal e o exercido por algumas dessas famílias, e suas comunidades que se desenvolveram quase a ponto de se tornarem independentes. Esse raciocínio de Suret-Canale tem sua validade, pois senão, haveria tantos estados quantos fosse o número de famílias, o que era basicamente inadmissível para uma sociedade, a não ser que houvesse declarado feudalismo no sistema e isto não existiu nas sociedades que usaram o sistema asiático de produção.

A contradição de haver terras coletivas é uma exploração do homem pelo homem, uma contradição levantada por Suret-Canale que só pode ser vencida mediante a admissão da existência de classes nestas sociedades.

Aplicando-se à sociedade asteca, há muita coisa em comum e suas proposições são razoáveis. Há, porém, uma ênfase nas proposições de Suret-Canale que não tem tanta importância: é a obrigatoriedade das obras de irrigação, ou pelo menos, não se deu tanta importância a ponto de autores dedicarem tantos estudos neste sentido. As obras de irrigação devem ter acon-

tecido, mas o que chamou a atenção maior foram as distribuições de terras, a política, a relação entre as classes dominantes e as classes dominadas.

As proposições de Suret-Canale têm, no entanto, validades consideráveis, pois permitem uma extrapolação maior do que só para regiões onde há desertos ou de condições geo-climáticas deficientes para a agricultura, o que fez Suret-Canale se afastar um pouco da linha em que ele é posto; consideração demasiada em construções hidráulicas, indo mais para a consideração da política. E isso foi fundamental, pois essas explicações podem ser inseridas à sociedade asteca em toda sua complexidade.

### POLANYI:

Polanyi trata do conceito entre redistribuição e a relação entre tráfico e mercado e para ele a economia é a interação do homem com seu ambiente natural e social a qual resulta no abastecimento dos meios de satisfazer suas necessidades materiais. É um conceito marxista da economia, mas não só marxista como comum a todos os grandes economistas e suas escolas.

A instituição da economia é um elemento fundamental de que trata Polanyi. Todas as estruturas sociais estão incrustadas por essa economia institucionalizada, negando muitos dos conceitos formais propostos por formalistas da economia.

No nosso caso, é preciso que se procure um estudo do modo de produção que é fundamental na economia, produção essa baseada na força material, recurso material e trabalho. Um outro elemento fundamental é a redistribuição que se efetua em termos de centralizar todos os bens em um ponto comum, para daí, redistribuir esses bens de acordo com as decisões centralizadas.

Em relação à sociedade asteca, Polanyi encontra muito campo para boas explicações, porque é nesse sistema que se baseia a produção e redistribuição na sociedade asteca. A economia desses nativos girava em torno desses conceitos e idéias que regiam a história, as idéias econômicas que estavam baseadas nos termos comuns da produção — centralização — redistribuição.

A economia na América Pré-Colombiana se baseava na direção e regulamentação de um organismo político onde se podia separar distintamente os nobres (PIPILTIN), os plebeus (MACEHUALTIN), que eram os responsáveis pela produção em termos gerais. Fica claro que essa produção era agrícola e em raros casos artesanal. A produção agrícola era o forte dessa economia. As terras distribuídas e seus respectivos privilegiados tinham seus nomes discriminados para se saber para quem produzia, a finalidade de sua produção. Daí que a classe dos nobres tinha suas divisões, assim como a dos próprios plebeus em função da destinação do produto. Assim, havia as terras do templo (TEOPANTLAM), as terras do palácio (TECPANTLALLI), as terras do tlatoani (TLATOCATLALI), as terras das comunidades (CALPULLALLI), a terra dos nobres (PILLALI), e assim por diante. Essas terras eram distribuídas por uma autoridade maior que levava o nome todo poderoso de Tlatoani.

No caso que estamos tratando, na economia asteca, havia o tributo daquilo que excedia da produção e a administração fazia considerar que cada possuidor de terra se tornava um funcionário público, porque a sua produção ia para a comunidade a fim de ser distribuída de acordo com as determinações do Tlatoani. Esta distribuição era baseada no critério de "status" social e levava muito os nobres a uma tendência ao feudalismo, elemento muito considerado por historiadores, mas que era eliminado ao se considerar que havia muita submissão ao Tlatoani, e conseqüentemente, uma harmonia e intercâmbio dos produtos entre os privilegiados.

Dentro desta perspectiva, houve todo um desenvolvimento econômico que permitiu aos historiadores, uma consideração sobre o sistema de distribuição aos nobres, que por seu lado, recebiam com a terra, mão-de-obra que eram os plebeus, formando assim uma escravidão generalizada, não em termos de exploração, mas em termos de produção comunitária. A distribuição de funções era política, e essa escravidão generalizada permitia e exigia que uma grande faixa da comunidade deveria se dedicar à produção, enquanto que outros da mesma comunidade se encarregariam das funções que hoje chamaríamos burocráticas.

As proposições de Polanyi são muito sensatas na aplicação ao caso asteca de produção, principalmente se nos atermos mais ao aspecto da distribuição e produção das terras. Se ficarmos com essa parte, teremos muito mais campo para a análise do caso em termos de proposições de Polanyi, pois se nos abrangermos mais ainda sobre cada idéia em si proposta pelo historiador, ficaríamos em análises superficiais, e como fizemos acima, foi possível ter uma satisfatória abrangência em termos de distribuição de terras e trabalho dentro da comunidade asteca.

## WITTFOGEL

Wittfogel contribuiu fundamentalmente para o ressurgimento do assunto modo de produção asiático, e como vimos na parte primeira deste trabalho, é o próprio Wittfogel que nos oferece características desse modo de produção, o que deve colocar o historiador em uma posição de relevância no estudo das comunidades que usaram ou criaram esse modo de produção. Diga-se a título de reafirmação, que o novo título sugerido por Wittfogel, modo de produção hidráulico, teve muita receptividade e hoje é usado tanto como o modo de produção asiático.

Mas o que deverá absorver nossa atenção é o assunto que Wittfogel desenvolveu muito logicamente nesses estudos: o **despotismo** no modo de produção. Vamos escolher esse tema porque o próprio estudo proposto por Wittfogel sobre e porque chamar a esse modo de produção de sistema hidráulico de produção levará grande parte da discussão, embora seja conveniente que justifiquemos o nome de sistema hidráulico de produção e omitamos sua aplicação ao caso da comunidade asteca. Além da proposição que citamos no começo do trabalho, as sete características, convém ilustrar mais essas que justificam o nome proposto por Wittfogel. As sociedades hidráulicas são limitadas aos seguintes requisitos:

1. a reação do grupo humano diante de uma paisagem deficitária em água.

2. tal grupo tem de estar acima do nível de uma economia recolhadora de subsistência, isto é, deve produzir mais que o necessário.

3. deve estar além da influência de fortes centros de agricultura de chuva.

4. tem de estar abaixo do nível de uma cultura industrial baseada na propriedade privada.

Wittfogel aparece como um expoente nos estudos do modo de produção asiático, e tira desses seus estudos seu tema de maior relevância: o despotismo oriental. Isso é resultado de seus inúmeros estudos em nações orientais mais do que na América, mas aí está uma oportunidade de fazer um estudo comparativo entre as idéias de Wittfogel e a comunidade asteca.

A aplicação do despotismo oriental no caso da América Pré-Colombiana pode estar seus pontos altos, como no caso de considerar o despotismo hidráulico caracterizado por uma economia controlada no setor agrícola, mas com um setor comercial livre. Nisto há a colaboração de Palerm, que ressalta a existência de inúmeras obras hidráulicas no México. Wittfogel ressalta sempre esse despotismo em termos de classes dominantes e classes dominadas, onde haveria um poder central, embora Wittfogel tenha considerado o México mais como feudal que asiático, porque aqui se desenvolveu muito em despotismo particular a cada nobre que recebia e cultivava a terra. Ficaram quase poderosos com esse sistema asiático. O conceito chave foi o controle em cima do camponês.

Era uma consequência esse aspecto despótico do modo de produção para que houvesse produção, e essa produção fosse distribuída entre todos que precisassem dela, daí que o despotismo fosse parte integrante do modo, "sine qua non" não haveria existência desse modo de produção. A abordagem deste aspecto é fundamental em seu caráter no aspecto asteca porque, de acordo com Palerm, havia construções hidráulicas, nas regiões compreendidas como astecas, e quem sustentava a administração dessas grandes obras eram os nobres PILLI, mostrando que estava longe de ser uma classe parasita, mas envolvida na produção e na organização do trabalho.

No caso da comunidade asteca, o nome de despotismo hidráulico não tem tanta razão de ser, se levarmos em conta que esse despotismo era uma condição necessária para a sobrevivência do sistema, e não que os orientais tivessem desenvolvido e exportado esse sistema de despotismo.

### CHARLES PARAIN

Finalmente, o aspecto enfocado por Parain tem seu posicionamento aqui no trabalho. Ele enfoca o difusionismo do sistema, onde ele sugere que possa ter havido uma exportação de know-how primitivo do sistema, mas é uma posição altamente contestável pelo lado das condições geográficas e climáticas que exigiriam que as coisas fossem daquela maneira e não da outra; por outro lado, a distribuição política da terra é mais ou menos idêntica a vários povos, tanto da Ásia como na América,

e esses elementos políticos podem ter sido exportados ou importados por alguns povos, justificando um difusionismo intencional.

A posição está mais por ser refutada do que aceita, porque as condições de comunicações eram precárias e cada povo ainda devia conservar, por suas características, um certo fechamento em si mesmo, tanto para dar como para receber inovações.

## CONCLUSÃO

Chegamos ao momento de fazer uma outra opção para o assunto que estamos terminando de tratar. A complexidade da América Pré-Colombiana e em particular da Sociedade Asteca, oferecem inúmeros enfoques que poderiam ser considerados na conclusão, mas vamos escolher o aspecto econômico dentre as possibilidades, já que ele pode ser causa e efeito de toda a história de uma civilização ou comunidade.

Não existia como indispensável a moeda corrente, mas havia um padronizado sistema de troca, e mercantilismo com o produto excedente de cada família. Esse produto, por ser excedente, já demonstra a eficácia de sistema em termos de serviço a cada família que produzia, como para cada grupo que recebia o produto. Isso permite uma inferência sobre a estabilidade da sociedade em termos econômicos, mas pode permitir uma consideração sobre prováveis estagnações no progresso e no próprio desenvolvimento de máquinas ou utensílios que fariam do modo de produção não tão positivo. O fechamento a que eram levadas essas sociedades ao mesmo tempo que provocava uma boa estabilidade econômica, também era motivo até de um retrocesso, enquanto não se pensasse em mudanças, as mudanças possíveis.

Daí que a América Pré-Colombiana tenha sofrido uma defasagem ao longo de sua história, até que chegassem elementos novos com novas idéias e novas maneiras de negociar, provocando uma ruptura em todo o sistema agrário de produção. Esse termo agrário é satisfatoriamente usado neste caso, pois toda a economia estava mesmo baseada na agricultura como já se citou acima.

Essa tendência para o fechamento em si, resistência a mudanças, incrementou muito mais o posicionamento de classes nobres plebéias, sendo estas as responsáveis por todo o abastecimento da sociedade, não só em termos de agricultura, mas em termos de artesanatos, que também entravam no mercantilismo e no sistema de trocas de nobres.

Finalmente, pudemos notar que cada historiador teve sua maneira particular e própria de encarar a complexidade do sistema asiático de produção. Cada um resalta um aspecto, que antes de ofuscar outros, vinha para somar na explicação, tanto do modo de produção asiático, como no "modo de produção asiático na América Pré-Colombiana".

Não há choques nos diferentes aspectos, mas ligeiras lapidações que só aumentaram a profundidade dos estudos sobre o sistema asiático na Comunidade Asteca.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BARTRA, Roger. "El modo de Producción Asiático" – Problemas de la historia de los países coloniales. Ediciones Era – 1969. México.
- SOFRI, Gianni. "O Modo de Produção Asiático", Editora Paz e Terra, 1977 – Rio de Janeiro.
- CARDOSO, Ciro. Escritos sobre "As Sociedades Hidráulicas ou o Modo de Produção Asiático", 1967 – Niterói . RJ.
- Apostila sobre: "La economía del México prehispánico", Pedro Carrasco.
- Apostila sobre "Tributo e posse da terra na Sociedade Asteca", Roger Bartra.